

BRASÍLIA, DF, 18 DE MAIO DE 1999

Quero começar por dizer que fui surpreendido. Não sabia que vinha aqui ao lançamento de uma candidatura. E vejo o Senador Amin candidato ao governo do Rio Grande do Sul. E com o entusiasmo com que falou, com a propriedade com que falou, para explicar o sentimento gaúcho. Não posso entender as palavras do Governador Amin, senão nesse sentido. Não sei se a Constituição permite candidatura noutro estado. Vamos analisar a questão.

Mas à parte isso e o prazer de estar aqui, de ter ouvido a todos com encantamento, porque realmente foram pronunciamentos muito pertinentes, eu queria também renovar os meus agradecimentos. Notei que dois dos oradores, ao se dirigirem à Ana Amélia, disseram que ela era o “homem de Brasília”, e um outro disse que era “a nossa mulher aqui”. Fico deste lado. Fico deste lado e, ao homenagear a Ana Amélia, quero homenagear as gaúchas aqui presentes, as catarienses aqui presentes, todas elas.

Quero dizer, também, que é, realmente, a segunda vez que aqui estou, e sempre com esse mesmo espírito, com esse mesmo propósito da RBS. Acho que as palavras do Nelson e do Jaime são suficien-

tes para mostrar o que é esta instituição, a RBS. É uma instituição que merece o respeito de todos os brasileiros. Como cidadão e como Presidente, ao vir aqui, quero trazer de público a minha manifestação de apreço pela RBS, pelas razões que eles disseram aqui, que é uma empresa que tem responsabilidade social, uma empresa democrática, uma empresa ousada, que tem iniciativa, tem imaginação, tem coragem e que, na prática, faz o que Governador Amin incitou a todos, ou seja, uma transformação da bravura em cidadania. Realmente, o que conta é que o resultado dessas ações é o resultado de aumentar a consciência dos cidadãos sobre a sua situação, sobre os estados.

Quero lhes dizer também – e não vou falar mais do que isso, porque não quero, realmente, abusar nem cansá-los com as minhas palavras – que o espírito aqui presente, que é um espírito de conagraçamento, eu diria quase que de comunidade, é muito importante.

Um país não se forma se está baseado apenas no conflito. Conflito é natural na sociedade, sobretudo quando há democracia. Os conflitos são conflitos que aparecem com veemência, mas, também, há mecanismos de solução. Mas, ao lado deles, é preciso que haja, em certos momentos, uma congregação, é preciso que haja uma comunhão, uma solidariedade. Quando se juntam bancadas de partidos diferentes, estados que, sendo irmãos, não são a mesma coisa, com esse espírito de conagraçamento, vejo nessa força de coesão um dos elementos fundamentais para que nós possamos continuar acreditando que essa é uma grande Nação, porque ela é uma grande Nação.

E eu até pediria a todos que aqui estão, e muitos são parlamentares, que não se esqueçam disso. Há momentos que não podem deixar de ser de todos, do país, do povo, do Brasil. Há momentos em que a paixão partidária deve ceder à consciência da necessidade de alguma coisa que diz respeito ao conjunto da população. Nem sempre é assim. Há momentos em que é necessário que cada um esgrime as suas bandeiras diferentes e, até mesmo, radicalize suas posições. Mas nunca podemos perder de vista essa espécie de dialética entre o particularismo, aquilo que leva a separar, o conflito, e a necessidade de coesão, porque

senão não se forma uma Nação. Não se avança democraticamente dentro da Nação.

Como brasileiro, como cidadão e como Presidente da República, tenho, a todo instante, que apelar para isso. Apelar para o conagraçamento, não como uma forma de mistificar a diferença e o conflito, mas como uma forma de manter também o País, o seu conjunto avançando.

Tenho muita satisfação de lhes dizer que o Governador Amin mencionou que eu escrevi sobre Santa Catarina. É verdade. Foi o primeiro livro. Escrevi outras coisas, mas livro foi sobre Santa Catarina e sobre o Rio Grande do Sul também. Como escrevi sobre a Amazônia, sobre o Pará, sobre o Piauí, sobre São Paulo, enfim, sobre muitas partes deste país. E não consigo ter um sentimento de sectarismo com relação ao Brasil. Não consigo ter, senão um sentimento de que este país, esta grande Nação que aqui está é grande porque, com a sua diversidade, é capaz de se congregar.

Acho que o exemplo que está sendo dado por Santa Catarina, pelo Rio Grande do Sul, pela RBS, é este mesmo exemplo, é o exemplo de mostrar que há um sentimento que perpassa a todos nós, e que diante de dificuldades, às vezes, até crises, às vezes, é necessário meditar. Meditar sobre a palavra, meditar sobre o ardor que, embora justificado, pode ter conseqüências negativas para o conjunto do país. Não para tolher a crítica, mas para evitar que a crítica se transforme em obstáculo para que o País veja mais longe.

Precisamos, como aqui foi dito pelo Nelson, olhar o futuro. Este país tem futuro. E se nós desanimarmos, se não entendermos isso, se ficarmos o tempo todo recalçando os obstáculos, ou buscando muitas vezes o errado onde não está errado e deixando passar o errado porque a paixão não permitiu que se vislumbrassem, com mais clareza, as situações, nós nos perdemos.

Temos que olhar no futuro. Muitas vezes, aquele que é acoimado de ser otimista apenas está olhando mais longe. É preciso olhar mais longe, porque se não olharmos mais longe, se ficarmos o tempo todo nos debruçando apenas sobre os obstáculos imediatos, os obstáculos

ganham de nós. E somos um país que tem uma vitalidade imensa e não pode deixar de perder essa fé no futuro.

RBS significa para nós todos isso. Quarenta e dois anos, 20 anos em Santa Catarina, 35 anos do *Zero Hora*, sempre por quê? Porque olhou mais longe. Porque não sucumbiu ao primeiro susto. Porque não deixou de ver que há um programa, que há um projeto, que há uma motivação, uma energia que permite contornar dificuldades.

É por isso que nós estamos todos tão felizes aqui: gaúchos, catarienses, paulistas, cariocas, o brasileiro como eu, deputados, senadores, ministros – tenho três ministros gaúchos. Não mudei nada pelo Rio Grande do Sul, ao contrário, acho que vou manter; o Rio Grande do Sul tem que estar muito presente no Brasil, assim como Santa Catarina – já olhei para o Governador Amin, já vai pedir um ministro. Mas, em vez de dar um ministro, vou dar só uma notícia. Como ele falou tanto na BR-101, de fato, percorri essa BR, nos tempo da lama. Para atravessar o Vale da Ribeira, em Apiaí, era atolar na certa. Mudou. Hoje temos uma pista e estamos indo para a segunda. E o Ministro Padilha, que está meio sumido aí, segundo o Governador Amin, maldosamente, coçando os cabelos, que quase não os tem, nós vamos continuar a BR-101. A BR-101 significa a integração do Brasil com o Sul e com o Mercosul. Significa mais do que isso. Vi, quando nós fomos assinar lá, na BR-101, um pedido para que houvesse a duplicação. Vi as situações, as mortes que lá ocorriam. Melhorou, estamos trabalhando, há um túnel que já percorremos, que ainda não está acabado, suponho, mas que vai ser terminado. De modo que, se posso dizer alguma coisa, que nesse sentido une mais Santa Catarina ao Rio Grande, Rio Grande a Santa Catarina, ao Brasil, é que a BR-101 não vai parar. Ela vai continuar.

Muito obrigado, Senhores.